

O Belo Vermelho

THE BEAUTY OF RED

DESENHOS A SANGUÍNEA
(SÉCULOS XVI-XVIII)

RED CHALK DRAWINGS
(16TH-18TH CENTURIES)



Os desenhos de Pontormo, Guercino, Morales, Calvaert, Rembrandt, Vieira Lusitano e os dos outros autores mostrados nesta exposição, pertencentes à coleção do MNAA, têm em comum a utilização da sanguínea, revelando a capacidade artística de um material por cuja versatilidade todos se deixaram seduzir.

Os artistas italianos utilizavam a sanguínea na preparação das pinturas a fresco (sinópia). Mais tarde, quando passou a ser usada sobre suporte de papel, tornou-se num material de desenho. Leonardo, que a empregou nos esboços das suas célebres pinturas, está para o desenho a sanguínea como van Eyck para a pintura a óleo. Na verdade, foram os artistas do Renascimento florentino, entre os quais Jacopo Pontormo ou o escultor Vincenzo de' Rossi, com obras presentes nesta sala, as primeiras gerações que dela fizeram generalizado emprego e cuja destreza conduziu ao aperfeiçoamento de algumas técnicas do desenho, como as de sombrear ou esbater (*sfumatura*). Utilizada inicialmente no desenho de figura, por reproduzir o efeito quente do tom da pele, a sanguínea acabaria por estender-se aos outros temas, adaptando-se às mais variadas necessidades; combinava na perfeição com diferentes materiais – como os outros dois “lápís”, o negro e o branco, ou as variadas tintas – permitindo uma elevada adaptação às necessidades de criação. A atmosfera irreal criada por estas manchas vermelhas foi muito apreciada pelos artistas maneiristas, como Luis de Morales ou Denys Calvaert.

Material central ao longo de todo o século XVII e primeira metade do XVIII, foi sendo cada vez mais empregue nas diversas fases de preparação das obras, dos rápidos registos iniciais (Rembrandt) aos estudos de detalhe (Gentileschi, Gabbiani) ou à cuidada apresentação final dos projetos (Sébastien Bourdon, Francesco Salvatore Fontebasso, Jacques Charlier), permitindo uma escrita muito pessoal a cada desenhador, por vezes levada ao extremo (Volterrano). A sua

The drawings, belonging to the MNAA collection, by Pontormo, Guercino, Morales, Calvaert, Rembrandt, Vieira Lusitano and the other artists displayed in this exhibition have in common the use of red chalk, revealing the artistic capacity of a material by whose versatility they were all seduced. Hematite is a mineral extracted from several quarries in Europe (its name is derived from the Greek word for blood) and its beautiful colour fluctuates between light shades, close to orange, and dark brownish red.

The Italian artists used red chalk in the preparation of frescoes (sinopia). When it later began to be used on paper it became a design material. Leonardo, who used it in the sketches for his famous paintings, is to red chalk drawings what van Eyck is to oil painting. It was, in fact, the artists of the Florentine Renaissance including Jacopo Pontormo and the sculptor Vincenzo de Rossi, each with works in this room, who were the first generations to make widespread use of red chalk. Their dexterity in its use led to the perfection of certain drawing techniques such as shading and blending (*sfumatura*). Initially used in figure drawing to reproduce the effect of warm skin tone, red chalk was eventually extended to other topics and adapted for more varied needs. Its usage combined perfectly with different materials like the other two ‘pencils’, the black and white, and various inks, making it highly adaptable to creative needs. The unreal atmosphere created by these red marks was much appreciated by Mannerist artists such as Luis de Morales and Denys Calvaert.

A core material throughout the 17th century and the first half of the 18th, red chalk was increasingly employed in the various stages in the preparation of works from quick sketches (Rembrandt) to studies of detail (Gentileschi and Gabbiani) and the careful final presentation of projects (Sébastien Bourdon, Francesco Salvatore Fontebasso and Jacques Charlier). It afforded each artist a very personal style and usage, which was sometimes taken to extremes (Volterrano). Its fortune

fortuna apenas haveria de diminuir com os artistas da segunda metade de Setecentos, pois, ao contrário dos que os precederam, o artificioso da cor não era suscetível de agradar aos homens do novo classicismo nem às gerações naturalistas que depois deles surgiram. No interior das academias europeias, o seu uso prolongar-se-ia, nomeadamente, no estudo do nu (Sagrestani).

Em Portugal, a utilização da sanguínea foi mais limitada e surge particularmente circunscrita ao século XVIII, sendo o material de eleição de artistas como o escultor José de Almeida ou os pintores Vieira Lusitano e João Glama Ströberle, seus grandes intérpretes e todos, não por acaso, de formação italiana.

Pigmento natural feito a partir da hematite, a sanguínea só foi substituída pela atual versão industrial a partir de finais do século XVIII. A sua versatilidade – podia, facilmente, ser talhada em pequenos bastões para ser inserida numa lapiseira e utilizada a seco, ou triturada e reduzida a pó, tingindo aguadas de coloração viva, ou ainda impregnada de gordura animal em variantes pastosas – tornou-a num material muito apreciado. A sua cor vermelha, quente e vibrante, agradava aos artistas, não só por conferir grande espetacularidade às figuras e composições mas também por, desde que convenientemente afiada, permitir traçar linhas muito finas e precisas.

only diminished among artists of the second half of the 18th century because, unlike their predecessors, the artifice of colour was not pleasing to men of the new Classicism or the Naturalist generations that followed. Within the European academies, the use of red chalk continued, especially in the study of the nude (Sagrestani). The use of red chalk in Portugal was more limited and appears to be confined to the 18th century, when it was the material of choice for artists such as the sculptor José de Almeida and painters Vieira Lusitano and John Glama Ströberle. It is not by chance that all of these great artists trained in Italy.

Natural pigment made from hematite, red chalk was only replaced by the current industrial version from the late 18th century. It could easily be cut in small rods to be inserted in a mechanical pencil and used dry; crushed and reduced to powder; used to imbue vivid colours to watercolours or even impregnated with animal fat in paste variants. Such versatility made it a greatly appreciated material. Its hot and vibrant red pleased the artists, not only by making their figures more spectacular but also because of the convenient sharpness that allowed them to draw very fine and precise lines.

FICHA TÉCNICA

COMISSARIADO/TEXTO CURATORSHIP/TEXT: Alexandra Gomes Markl

MONTAGEM INSTALLATION: Museu Nacional de Arte Antiga

TRADUÇÃO TRANSLATION: Julie Fox

DESIGN: FBA.

MONTAGEM DOS DESENHOS FRAMING: Agostinho Oliveira

APOIO SUPPORT:

